

Mulher 24 HORAS

Informativo do Sindicato dos Bancários/ES - Presidente: Carlos Pereira de Araújo - Diretor de Imprensa: Idelmar Casagrande - Editores: Sueli de Freitas - MTb 537/92 e Ronaldo Cassundé MTb 932/00 - Diagramação: Jorge Luiz - MTb 041/96 - n° 83 - Dezembro 2007 - E-mail: mulher24horas@bancarios-es.org.br



Gente

*Gente olha pro céu
Gente quer saber o um
Gente é o lugar
De se perguntar o um
Das estrelas se perguntarem se
tantas são
Cada estrela se espanta à própria
explosão
Gente é muito bom
Gente deve ser o bom
Tem de se cuidar
De se respeitar o bom
Está certo dizer que estrelas
Estão no olhar
De alguém que o amor te elegeu
Pra amar
Marina, bethânia, dolores,
Renata, leilinha,
Suzana, dedé
Gente viva, brilhando estrelas
Na noite*

*Gente quer comer
Gente que ser feliz
Gente quer respirar ar pelo nariz
Não, meu nego, não traia nunca
Essa força não
Essa força que mora em seu coração
Gente lavando roupa
Amassando pão
Gente pobre arrancando a vida
Com a mão
No coração da mata gente quer
Prosseguir
Quer durar, quer crescer,
Gente quer luzir
Rodrigo, roberto, caetano,
Moreno, francisco,
Gilberto, joão
Gente é pra brilhar,
Não pra morrer de fome (...)
(...) Gente espelho da vida,
Doce mistério*

Música interpretada por Caetano Veloso

Direitos humanos

“Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”, diz a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Infelizmente a realidade no mundo não é bem essa. No Brasil e no Espírito Santo, mais especificamente, não é garantido o acesso a direitos básicos, como à vida digna, sem violência, sem fome e miséria, com emprego, educação e saúde.

Aproveitando o Dia Universal dos Direitos Humanos, celebrado em 10 de dezembro, o Mulher 24 Horas aborda nesta edição temáticas que mostram que nem todos têm os mesmos direitos. A discriminação de cor, raça e gênero está presente no nosso cotidiano. As mulheres são as principais vítimas. Ascender profissionalmente e dar conta da dupla ou tripla jornada de trabalho é um desafio. Quando se é negra, então, as coisas se complicam. A desigualdade entre os sexos acaba levando à submissão e o resultado não é nada bom. Com dificuldade de negociar com o parceiro o uso da camisinha, é crescente o número de mulheres que estão sendo contaminadas pelo vírus da Aids.

Não bastasse isso, as mulheres são vítimas da violência doméstica, que machuca e mata milhares. “A ausência de políticas públicas gera impunidade e mais violência”, denunciaram as capixabas numa marcha que mostrou a omissão do Governo Paulo Hartung. E não são apenas as mulheres que sofrem com essa política governamental voltada para as elites. Aos índios e quilombolas é negado o direito à terra, tomada pela Aracruz Celulose, empresa apoiada pelo Governo Estadual.

VEJA NESTA EDIÇÃO

Cresce o número de mulheres portadoras do vírus da Aids

2

Bancária fala sobre o longo caminho da ascensão profissional

3

Cresce número de mulheres com Aids

Sérgio Cardoso

Ao confirmar, através de exames, que seu marido é portador do vírus da Aids (HIV), a bancária capixaba Paula (o nome verdadeiro foi trocado) logo pensou que seus filhos, de 1 ano e meio e de 4 anos, poderiam também ter sido contaminados. Foram dias de angústia e sofrimento até que veio o resultado: nem ela nem os filhos tinham o HIV. “O médico disse que eu só tinha 0,005% de chance de não ter o vírus. Era um caso em mil, uma raridade. Quando saíram os resultados, o médico disse: sua fé em Nossa Senhora te salvou. Fui logo falar para o meu marido que, em meio a tanta desgraça, havia uma notícia boa, os meninos estavam salvos”, afirma ela. Depois dessa experiência, Paula afirma que só faz sexo com o uso do preservativo.

Infelizmente, a maioria das mulheres não tem a sorte de Paula. A cada dia é maior o número de infectadas pelo HIV. De acordo com o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, divulgado no dia 27 de novembro, a razão entre os sexos vem diminuindo de forma progressiva. Em 1985, havia 15 casos da doença em homens para 1 em mulher. Hoje, a relação é de 1,5 para 1. Na faixa etária de 13 a 19 anos, as mulheres são maioria.

A epidemia é crescente em todo o Brasil. De 1980 a junho de 2007, foram notificados 474.273 casos de Aids no País, sendo 159.793 em mulheres. No Espírito Santo, já são 5692 portadores do HIV. “Na faixa etária entre 13 e 25 anos, as mulheres são maio-



A assistente social Kátia (esquerda) e a médica Sueli orientam mulheres soropositivas”, informa a coordenadora Estadual de DST/AIDS, Sandra Fagundes.

Na avaliação da assistente social Kátia Oliveira Pereira Bastos, do Serviço de Atendimento Especializado em DST/Aids (SAE) do Hospital Dório Silva, a submissão da mulher é um dos fatores responsáveis pelo crescimento da Aids entre pessoas do sexo feminino: “Essa mulher não sabe usar o preservativo feminino, tem medo de se tocar e tem dificuldade de negociar com o homem o uso da camisinha masculina”. A médica infectologista Sueli Ramos de Oliveira, também do Hospital Dório Silva, lembra que muitas mulheres chegam falando que o parceiro não quer usar o preservativo, e se ela “teimar”, o homem vai embora. Além do sexo sem segurança, um grande número de mulheres são usuárias de drogas.

“A partir da fala recorrente das mulheres”, explica Kátia Oliveira, “percebemos a necessidade de trabalhar questões como a vulnerabilidade da mulher”. Uma parceria foi firmada com Departamento de Psicologia da Ufes e, a partir do segundo semestre deste ano, foi iniciado um grupo formado por onze mulheres do programa DST/Aids. Através de oficinas, essas mulheres discutem questões sobre sexualidade, prevenção, auto-cuidado com o corpo, desigualdade entre homens e mulheres, preconceito de raça, gênero, o estigma da Aids, a feminização da epidemia e a violência. “A expectativa é continuar esse trabalho no próximo ano”, afirma Kátia, ressaltando a importância da informação para conter a expansão da epidemia.



Soropositivos enfrentam preconceito

A descoberta de que o marido é soropositivo aconteceu há oito anos. Desde então, a bancária Paula convive com o preconceito. “O que dói é a discriminação. O ser humano precisa respeitar mais o outro”, afirma. Ela conta que no banco muita gente passou a olhá-la com preconceito. O mesmo acontece com os

vizinhos. Na sua família, Paula encontra o apoio para tocar a vida.

“Hoje meu marido tem uma vida normal, faz tratamento. A nossa vida sexual é normal, nós usamos preservativos e fazemos exames a cada seis meses.” Na sua avaliação, as mulheres estão muito vulneráveis e devem pensar em si e nos filhos. “A proteção é fundamental”, diz ela.

“Em todas as áreas têm poucos negros em ascensão”

Sérgio Cardoso

Sônia de Oliveira é bancária do Banestes há quase 29 anos. Ela iniciou a carreira como técnica bancária e atua como gerente de relacionamento da agência Ceasa desde o último mês de março. Nesta entrevista ela fala sobre sua ascensão profissional. O caminho para conquistar uma gerência não foi fácil. Em alguns momentos ela percebeu que poderia estar sendo discriminada por ser negra.



Quando você iniciou sua carreira de bancária?

Ingressei através de concurso no ano de 1978. Eu residia em Cachoeiro de Itapemirim e não havia vaga na cidade. Como eu estava fazendo curso superior em contabilidade, fui aconselhada pelo meu pai, um aposentado do Banestes, a não ir para outro município, o que prejudicaria meus estudos. Por isso, só comecei a trabalhar em janeiro de 1979, quando surgiu uma vaga na agência de Cachoeiro.

Você encontrou muita dificuldade para trabalhar durante o período do curso superior?

Apertou um pouco, mas a experiência foi boa. Eu fazia contabilidade e comecei a trabalhar numa instituição financeira, o que favoreceu meu amadurecimento profissional. Exercia uma jornada de seis horas na agência, das 12 às 18 horas, e saía direto para a faculdade, que ficava perto da minha casa.

Como foi sua ascensão profissional durante os primeiros anos de carreira?

Fiquei 16 anos na agência Cachoeiro. Eu almejava um cargo de caixa, mas nunca consegui. Em várias ocasiões eu substituí meus colegas, inclusive nos cargos de encarregado e subencarregado, que existiam naquela época. No entanto, as nomeações eram por indicação, a afinidade com a função e a qualificação profissional nem sempre eram consideradas.

Pessoas com menos experiência do que você eram promovidas para o cargo?

Sem dúvidas. Muitas pessoas entraram depois de mim e conseguiram ser nomeadas na minha frente. Como disse, eu nunca consegui ser caixa.

Havia preconceito? Como essas nomeações eram justificadas?

A politicagem era muito grande no interior do banco, prevaleciam as indicações daquelas pessoas próximas a alguns políticos. Como eu nunca gostei de pedir esse tipo de favor, não consegui ser indicada.

Você já se sentiu discriminada por ser negra?

De um modo geral, sempre me senti bem, fui tratada com respeito e dignidade por onde passei. Mas o caminho para chegar à gerência foi bem longo. Houve uma época em que eu percebi que podia estar sendo preterida por questões raciais.

Fale sobre essa experiência:

Eu fiz vários concursos para gerente e não consegui ser aprovada. Sempre obtive bom desempenho nas fases iniciais, ficando reprovada nas dinâmicas de grupo. Meus colegas, inclusive os gerentes, estranhavam muito, pois eu conhecia toda a rotina do cargo, uma vez que estava acostumada a substituir gerentes, tanto na área de relacionamento, onde eu atuo hoje, como na de administração. Achavam que eu tinha o perfil para ser gerente. De fato, eu demonstrava isso no processo classificatório e era eliminada por critérios subjetivos.

Como você enfrentou essa situação?

Certa vez, num curso do Sindicato dos Bancários, cheguei a fazer um desabafo sobre essa minha dificuldade para ser aprovada na segunda etapa dos concursos. Alguns colegas que estavam presentes levantaram a hipótese de que eu poderia estar sendo vítima de discriminação racial. Posteriormente, cheguei a perguntar pra psicóloga se eu estava ficando reprovada pelo fato de ser negra. É claro

que ela negou essa possibilidade.

Quando você assumiu a gerência de relacionamento?

Estou no município de Cariacica há 13 anos, sempre na agência Ceasa. Fui nomeada gerente em março deste ano. Anteriormente, sempre atuei como técnica bancária, apesar de ter exercido várias funções como substituta.

E na relação com os clientes e usuários do banco? Você já foi vítima de algum preconceito?

Nunca fui desrespeitada no meu ambiente de trabalho. Todos os clientes gostam muito de mim. Inclusive, ficaram muito satisfeitos quando souberam que eu havia assumido o cargo de gerente. Muitos vieram me parabenizar e disseram que eu estava preparada para ocupar a função.

Como você avalia a posição do negro no mercado de trabalho?

Não há equilíbrio na distribuição de determinados cargos. Os negros são poucos na nossa área. Aliás, em todas as áreas têm poucos negros em ascensão. Um dos meus filhos, por exemplo, faz educação física na Ufes. Ele sempre diz que o aluno negro precisa ter mais postura e muita dedicação, pois o nível de exigência para se sobressair é bem maior.

Quais os planos para o futuro?

Estou satisfeita na condição de gerente. Não tenho muitas expectativas dentro do banco, pois estou completando 29 anos de trabalho e logo vou me aposentar. Depois da aposentadoria, penso em atuar na área de esporte. Talvez numa academia junto com esse filho que faz educação física.

Mulheres protestam contra omissão do Governo Paulo Hartung

Fotos: Sérgio Cardoso

Para denunciar o descaso do Governo Paulo Hartung no enfrentamento da violência doméstica e de gênero, o Fórum de Mulheres do Espírito Santo promoveu uma caminhada em Vitória no dia 23 de novembro. O protesto foi realizado para marcar o Dia Internacional da Não-Violência contra as Mulheres (25/11).

A marcha saiu do Ministério Público Estadual (MPE) e foi até a Assembleia Legislativa. Representantes do movimento de mulheres entregaram ao MPE um dossiê comprovando o descumprimento, pelo Executivo, do Programa Estadual de Prevenção, Assistência e Combate à Violência Contra a Mulher.

“O Executivo tem de instalar as casas abrigos, os centros de referência, fazer as delegacias de Atendimento à Mulher (DE-AMs) funcionarem 24 horas por dia e uma série de ações que mudam a realidade de violência contra a mulher”, disse a diretora de Relações Sociais e Sindicais do Sindicato, Ângela Barone.

A coordenadora do Fórum Eusabeth Ferreira das Mercês Vasconcelos lembrou que a violência contra a mulher desestrutura toda a família e resulta em graves problemas sociais. “As pessoas reproduzem na sociedade a violência que vivenciam em casa. A omissão do Estado gera impunidade e mais violência”.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Estado lidera o ranking brasileiro de mortes violentas de mulheres jovens de 15 a 24 anos: 27,4 por 100 mil habitantes. No Brasil, uma em cada cinco mulheres já sofreu algum tipo de violência, segundo dados da Fundação Perseu Abramo.



As mulheres denunciaram que a falta de políticas públicas gera mais violência

Bancários debatem filme sobre violência doméstica

Bancários, bancárias e integrantes de movimentos sociais refletiram sobre a violência contra a mulher com o filme *Provoked – Desejo de Liberdade*. A exibição, em 23 de novembro, no Centro Sindical (foto), integrou a programação do Dia Internacional da Não-Violência contra as Mulheres.

O filme retrata uma história real, que provocou mudanças nas leis inglesas nos anos 90. Uma imigrante asiática, após dez anos sofrendo espancamentos e agressões morais, mata o marido e

é condenada à prisão perpétua. Na prisão, ela encontra pessoas com histórias semelhantes à dela. “*Provoked* mostra que a violência contra a mulher não tem fronteira, religião nem cor”, disse Vanda de Souza Lima, militante do Movimento de Mulheres no Espírito Santo. “A realidade é mais dura do que o cinema consegue mostrar”, disse Eurico Scaramussa, bancário da CEF e um estudioso do cinema. Vanda Lima e Eurico Scaramussa coordenaram uma discussão após a exibição do filme.



Mulher CULT.

O Cárcere e a Rua é a dica do Mulher Cult nesta edição. O filme mostra a vida de três mulheres dentro e fora de um presídio em Porto Alegre, no Rio



Grande do Sul. Fala da difícil transição do mundo externo para a prisão e também sobre o complicado retorno e reintegração à sociedade.

Sob a direção Liliana Sulzbach, este documentário ganhou, entre outros prêmios, o de melhor filme do II Festival de Cinema Feminino 2005. Disponível em locadoras de DVD. Vale conferir!

Mulheres antenadas



Envie suas sugestões, poesias e comentários para o **Mulher24Horas** pelos e-mails mulher24horas@bancarios-es.org.br e imprensa@bancarios-es.org.br ou pelo telefone (27) 3331-9978
End: rua Wilson Freitas, 93, Centro, Vitória/ES - CEP 29016-340